**AS EMOÇÕES E A EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM PRELIMINAR**

Bianca Teodósio Rodrigues Borges

Discente de Pedagogia

Universidade Federal do Pará- biancateodosio12@gmail.com

Francielly Emmili Alves de Sena

Discente de Pedagogia

Universidade Federal do Pará- franciellyalves384@gmail.com

Genuína Priscila dos Santos Dias

Discente de Pedagogia

Universidade Federal do Pará- diasp259@gmail.com

Yuri da Costa Pereira

Discente de Pedagogia

Universidade Federal do Pará- yuridacosta96@gmail.com

**Resumo**

O presente artigo é resultado de um estudo preliminar realizado pelo de Grupo de Pesquisa Educação e Cultura das Emoções - GPEDUCEM, vinculado a Universidade Federal do Pará - UFPA. Tem como objetivo geral analisar de que forma a emoção está presente no ambiente social, como ela incide na sociedade, cultura, educação, no sistema escolar e na sala de aula. A pesquisa pauta-se nas seguintes problemáticas: O que são emoções e o que as difere dos sentimentos? Como as emoções se expressam social e culturalmente e são refreadas e/ou estimuladas pelas mesmas? A educação é reflexo das condições emocionais da sociedade, mas as emoções podem ser educadas? Como os professores lidam com seus sentimentos e emoções e de que forma as crianças desenvolvem seu cognitivo e emocional na escola, mais especificamente na sala de aula?  A metodologia utilizada partiu da pesquisa qualitativa através do levantamento bibliográfico, utilizando-se de textos bases do grupo de pesquisa, autores como: SANTOS(2009), REGÔ; ROCHA(2009), COELHO; REZENDE(2011). Dado o exposto, é necessário considerar as emoções como importante expressão presente na sociedade por seguinte na escola, na aprendizagem das crianças e no permanente aprendizado dos docentes em lidar com as miríades emocionais.

**Palavras-chave**: Educação, Emoção, Socio-cultural, Escola.

**Introdução**

Não há dúvida que as emoções estão presentes em todos os indivíduos, independentemente de sua cultura, todos sentem e as expressam, no entanto de formas diferenciadas, a exemplo disso, temos a questão do luto, cujo em algumas sociedades o luto é festejado, enquanto em outras ele é vivenciado em forma de sofrimento.  As pessoas expressam suas emoções, porém, muitas vezes, de maneira inadequada e prejudicial ao “ente” e a si mesmo, pois as emoções dependem dos indivíduos e das circunstâncias para serem vivenciadas de forma positiva ou negativa.

O presente artigo foi elaborado por meio de questionamentos dos autores, no que concerne a questão das emoções e relacionando-a as dimensões sociais, culturais, psicológicas, educacionais e pedagógicas. Ao contextualizar o meio social, cultural e educacional referente à problemática de manifestação emocional nas sociedades antigas e contemporâneas, através dos textos relacionados, à temática das emoções apresenta múltiplas possibilidades de abordagem sobre a relação entre educação e emoção, que vai da perspectiva civilizacional-universal dos contextos histórico-culturais à sala de aula local.  Tem como objetivo geral analisar de que forma a emoção está presente no ambiente social, como ela incide na sociedade, cultura, educação, no sistema escolar e na sala de aula. A pesquisa pauta-se nas seguintes problemáticas: O que são emoções e o que as difere dos sentimentos? Como as emoções se expressam social e culturalmente e são refreadas e/ou estimuladas pelas mesmas? A educação é reflexo das condições emocionais da sociedade, mas as emoções podem ser educadas? Como os professores lidam com seus sentimentos e emoções e de que forma as crianças desenvolvem seu cognitivo e emocional na escola, mais especificamente na sala de aula?  A metodologia utilizada partiu da pesquisa qualitativa através do levantamento bibliográfico. O artigo está estruturado em quatro secções e as considerações finais, abordando desde a origem das emoções e sentimentos, até a relação em sala de aula.

**Das emoções e dos sentimentos**

As doenças emocionais estão atingindo cada vez mais a população mundial. De acordo com a pesquisa realizada entre 2013 e 2014, pela filial nacional da International Stress Management Association (Isma), aponta que 30% dos profissionais entre 20 a 60 anos sofrem com a síndrome de Burnout, uma doença emocional que gera o esgotamento físico ocasionando o máximo de desgaste no sistema. Este aumento do número de pessoas com doenças emocionais na atualidade fortaleceu o estudo das emoções no espaço acadêmico, apesar disso, segundo Santos (2009) o primeiro estudo científico sobre as emoções foi realizado no ano de 1884 pelo filósofo americano William James, por meio da publicação de um artigo com o título “O que é emoção?”. Esta pergunta ainda deve ser uma inquietação de muitos estudiosos, pois a sociedade moderna ocidental pautou-se na máxima de Platão reforçada pelo advento do iluminismo Francês, onde apenas o que pode ser verificável e palpável é importante, e como o campo emocional até então não se utilizavam dessas verificações, logo era posto à margem. É necessário abordar que as emoções são individuais/cada indivíduo sente de uma maneira, e, também são coletivas, ou seja, indivíduos de um mesmo grupo social diante de um evento do seu meio podem sentir de forma parecida.

Essa dualidade no campo da emoção, inquietou os pensadores Émile Durkheim e Georg Simmel, e a partir disso, a emoção tornou-se um possível objeto de análise da sociologia.  O objeto de estudo de Durkheim baseia-se no fato social, definido por ele como “maneiras de agir, de pensar e de sentir que apresentam a propriedade marcante de existir fora das consciências individuais” (COELHO e REZENDE, 2011, n.p). Desta forma, pode-se dizer que a emoção está para além do indivíduo, ou seja, o homem não age por intenções próprias, mas pelas intenções que lhe são impostas.

Na problematização da emoção, Georg Simmel, pressupõe o estudo do homem a partir da forma-conteúdo. “Para ele, o “conteúdo” seria “o interesse, o propósito ou o motivo”, enquanto a forma corresponderia a um “modo de interação”, por meio do qual o conteúdo adquire “realidade social” (COELHO e REZENDE, 2011, n.p). Portanto, Simmel aborda a importância da psicologia como o primeiro espaço real onde os dados da sociologia são processados, dentro desta teoria o aspecto social é deixado de lado e os processos psíquicos são trazidos ao centro da emoção.

Ao que tange o estudo científico das emoções, tem-se o pensamento de autores como Marcel Mauss(1992), Alfred R. Radcliffe-Brow e Ruth Benedict. Mauss discutiu as emoções analisando a importância dos significados, sendo estes, uma consequência dos fenômenos sociais que são expressos de forma oral. Para este autor os indivíduos expressam seus sentimentos não somente pelo valor moral. A expressão das emoções é dada para que o sentimento seja divulgado, e porque as pessoas daquela sociedade conseguem entender o que o indivíduo comunica. Para Brow o estudo das emoções pode ser feito a partir da organização social, o autor enfatiza sua teoria analisando as relações de jocosidade parental. Brow afirma existir uma importância social nas emoções, desta forma ele se aproxima da ideia de Durkheim considerando a emoção como um fator que sofre influência de meios externos ao indivíduo e distanciando a emoção de um processo psíquico individual.

É notável a existência de teorias que abordam a emoção como aspecto individual e outras que abordam a emoção como um fator social e algumas ainda que tentam juntar o aspecto social com o individual, mas para Santos(2009) o estudo da emoção deve ser feito de forma transdisciplinar aproveitando o que cada área de estudo traz de contribuição para a interpretação da emoção.  São áreas de estudo científico da emoção: a neurociência, a psicologia, antropologia, sociologia e filosofia. “A psicologia da emoção e as neurociências se ocupam do significado biológico da emoção, suas causas biológicas e efeitos comportamentais, no indivíduo.” (SANTOS, 2009, p. 35).

Para a sociologia e a antropologia cabe o estudo da emoção como fator social. Conforme Khory (2004 apud Santos, 2009, p.36) o estudo sociológico da emoção deve colocá-la como orientadora das relações sociais, possibilitando

“entendimento capaz de apreender a noção de humano e da sociedade como um todo e se ocupa com as repercussões da emoção na sociedade. Procura entender   a emoção como fenômeno sociológico e estabelece canais entre as dimensões micro e macro-sociológicas”

Acrescenta afirmando que “um objeto da Sociologia da Emoção é o estudo das expressões individualizadas da emoção objetivando compreender as configurações sociais da subjetividade do sujeito social que as vivencia.” (SANTOS, 2009, p. 36).O ser humano tem a capacidade para interpretar a emoção que ocorre no seu interior, ou como defende Durkheim, que atinge o fator social. Por meio desta interpretação da emoção surgem os sentimentos. Logo, os sentimentos são a interpretação das emoções que permeiam o ser humano, pois a interpretação dos sentimentos está diretamente relacionada à cultura.

Independente do conceito sobre emoção que Mauss, Simmel e Benedict deram para emoção, é válido ressaltar que a sua importância para a humanidade está na reação que ela gera o sentimento. É comum, por exemplo, que pessoas que passam muito tempo sozinhas se sintam isoladas ou até mesmo depressivas, pois a sociedade proporcionou uma educação onde ficar sozinho não é comum, dentro desta educação o mais correto é ter muitos amigos e ser sociável. O sentimento é aprendido, é ensinado, e nesta perspectiva cada sociedade educa de uma forma.

**Bases sociais e culturais das emoções**

Para viver em sociedade é necessário que se aprendam costumes, regras e cultura, assimiladas desde criança e fortalecidas quando adultos, e isso se aprende em coletivo, por meio das relações com outros indivíduos. Um bebê quando nasce, por exemplo, se depara com um universo pronto, tudo está preparado para sua chegada, desde a cor de seu enxoval até a idealização de sua vida feita pelos pais, ele se adapta às condições existentes, através da interação com o outro. Sendo assim, a criança passa a assimilar linguagem e ações através da imagem que consegue captar de seus pais, Halbwachs (2009, p.203) afirma que “tudo se passa como se as crianças tivessem aprendido olhando os outros, e ao seu contato”. Por isso, algumas sensações começam a surgir, a construção de seu eu interior e exterior necessita do outro para complementar seu processo construtivo como sujeito que pensa e sente em uma sociedade.

As emoções manifestam-se individualmente em um meio coletivo, assim como a construção da linguagem se estabelece no decorrer do processo de aprendizado de um ser com outro, as emoções também passam por esse processo, modificando-se de acordo com o contexto cultural. Santos (2009, p.179) mostra que o significado da emoção e do sentimento varia de acordo com a cultura, ao afirmar que “a expressão das emoções dos agentes sociais é modelada, condicionada, normatizada e ritualizada pela cultura em que eles vivem”, denota que cada cultura possui sua forma de expressar suas emoções de acordo com a construção de identidade cultural.

Para Ruth Binedict a emoção é objeto de estudo da cultura. A autora afirma que por mais diversas que sejam as culturas, sendo elas ocidentais ou orientais por exemplo, existe uma padronização emocional. Um exemplo dessa padronização é observada quando Binedict estuda as tribos indígenas norte-americanas, ela ressalta que as tribos se diferenciam quanto cultura, mas é possível perceber em ambas as tribos a existência de uma figura que comanda a tribo e/ou que utiliza as plantas como remédios. Além disso, em cada tribo pode ser notada a existência de “códigos” que significam o estado emocional do indivíduo, ou seja, expressões para alegria, tristeza e etc,. Constata-se que o processo de construção do sujeito depende do grupo de inserção cultural e social, Santos (2009) aborda o indivíduo independente e o interdependente, em que o primeiro refere-se às culturas ocidentais e o segundo as asiáticas. Nas culturas ocidentais a expressão da emoção é individualizada de maneira a se destacar sobre os outros, já o indivíduo interdependente asiático sente-se de certo modo conectado ao seu grupo social. No entanto, algumas circunstâncias podem enfatizar certa negatividade quando se trata de sentimentos. Segundo HALBWACHS (2009):

Como disse o Sr. Blondel: “Os estados afetivos fortes são raramente o fato de indivíduos isolados. A solidão empobrece, em geral, não somente a expressão externa às nossas emoções, às nossas lágrimas, aos nossos risos, aos nossos gritos e toda a nossa mímica, além do jogo de representações e sentimentos que o subjazem;(...)

Percebe-se que o indivíduo sempre está ligado com o outro, e não faria sentindo expressar suas emoções se não tivesse alguém para compartilhar, direta ou indiretamente. Nas relações humanas é necessário compreender o outro, isso ocorre por meio da inteligência social, trata-se da maneira como irá ocorrer a interação social, mesclando saberes, como afirma Albrecht (2006), “é uma combinação entre a compreensão básica das pessoas e um conjunto de técnicas para interagir com elas que deve ser desenvolvida em todos os níveis de educação, da escola fundamental até às faculdades” (apud SANTOS, 2009, p. 211). A inteligência social envolve empatia, intuição, ética, dentre outros fatores essenciais capazes de administrar as relações humanas em todos os âmbitos sociais e culturais.

**Educação e as abordagens das emoções: um esboço histórico social**

Estabelecendo um breve retrospecto histórico de alguns momentos vividos pela sociedade brasileira, que por sua vez, também influenciaram o modelo educacional tradicional de ensino e que perpassam até os dias atuais. Após o estudo das emoções, surgiu a curiosidade sobre como as emoções são interpretadas e abordadas no ambiente educacional e escolar.

Considerando o argumento anterior, destaca-se aqui apenas dois grandes períodos sócio educacionais: o Jesuítico e o Militar.   A educação brasileira no período colonial era organizada pela igreja católica e tinha como base as práticas educacionais religiosas dos jesuítas que moviam várias forças emocionais neles e nos índios. Percebe-se que tais práticas educativas poderiam acarretar nos nativos algumas emoções de cunho negativo como: ódio, raiva, tristeza etc. Porém, não havia preocupação com estas emoções. Pois, a educação era voltada para desenvolver crença no Deus Cristão, o medo, a repulsa pelos ancestrais, a raiva contra esses mesmos jesuítas e portugueses faziam parte da experiência dessas culturas e as relações entre educação e emoção se expressavam de forma evidente, pela subordinação direta ou parcial de algumas tribos e pela negação direta ou parcial de outras tantas tribos.

Em um outro momento histórico, o período Militar, a educação era coordenada e organizada de acordo com as características do governo vigente. Os alunos eram reprimidos e muitos foram mortos e outros tantos torturados. A mesma coisa pode-se afirmar dos professores, nem todos foram coniventes com o sistema e esses também foram perseguidos, mortos ou torturados. O ódio, o medo, o ressentimento e a vingança foram e são algumas das emoções que soçobrou dessas relações sociais do período da ditadura militar, logo as emoções vividas por eles eram disseminadas aos alunos.

Percebe-se que não existia preocupação além de transmitir conteúdo, no qual se pensasse em produzir formação mais humanística de caráter emocional voltada para vida social dos alunos. Os autores Regô e Rocha (2009,p.139)problematizam que “a racionalidade, sozinha, não conseguiu levar a humanidade para um patamar aceitável de educação, por isso a necessidade da busca pelo equilíbrio entre razão e emoção na sala de aula”.

As pessoas estão cada vez mais desequilibradas e mergulhadas em um mar de problemas emocionais: tristeza, ódio, raiva, medo dentre outras emoções negativas, aliás, o desequilíbrio emocional pode inclusive dificultar no processo educacional dos alunos. Diante disso, surge à necessidade de as escolas buscarem uma educação voltada para trabalhar as emoções nos alunos e também aproximar às práticas pedagógicas a realidade social no qual os alunos estão inseridos. Valente e Monteiro (2006, p.2) argumentam que “o desenvolvimento da inteligência emocional, que pode ajudar alunos a obterem melhores resultados escolares assim como professores a terem uma melhor prática docente”. Portanto, isso implica dizer que a sala de aula não pode se restringir apenas no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, uma vez que ela também deve disseminar a importância de reconhecer os benefícios e os malefícios das emoções humanas. No entanto, é necessário que a escola reconheça que a “inteligência emocional” dentro das práticas educativas do cotidiano, pode contribuir de forma positiva tanto para o processo de ensino de alunos, quanto obter o respeito pelo “outro”, diminuindo os conflitos entre alunos, professores e os variados setores do ambiente escolar.

Com isto, nota-se que a “inteligência emocional” é constituída por elementos imprescindíveis a todos os membros de uma escola. Pois, todas as pessoas que trabalham ou estudam estão sujeitas a um desequilíbrio emocional, certamente por serem oriundos de uma sociedade que cultiva o estresse, e por estarem vivenciando uma cultura de rotinas que, muitas vezes, são cansativas e desestimulantes. As escolas brasileiras durante muito tempo, não demonstravam interesse em trabalhar a perspectiva educacional da “pedagogia das emoções”.  Hoje, já existem pesquisas que apontam a necessidade de inclusão dessa perspectiva, por estarmos vivendo em uma sociedade complexa e com muitos impasses emocionais, Delors argumenta que:

A educação das emoções deve ser contemplada porque as novas gerações têm escassa competência emocional e social; aumenta a violência, intolerância, medo, depressão e suicídio entre jovens e adultos; a UNESCO recomenda que a Educação deve contemplar as Emoções, ensinando-se o “aprender a ser” e o “aprender a conviver  (1998 apud SANTOS; 2009, p. 418)

É importante lembrar que o sistema educativo precisa acompanhar essas questões sociais, afinal, o papel da escola é formar cidadãos mais humanizados, éticos e  conscientes de seus atos, esse processo pode ser subsidiado através de uma pedagogia voltada para a sociedade pós-moderna, onde a perspectiva e compromisso não se limite apenas a produção de conhecimento, mas que inclua também uma preocupação humana e social a partir dos pilares da “pedagogia das emoções”. A pedagogia das emoções possui característica marcante:

estimular o aluno a desenvolver a autoconsciência e o autoconhecimento, para aprender a ser e aprender e a conviver consigo mesmo e com os outros, abrindo caminhos para um efetivo encontro consigo mesmo, isto é, a conhecer suas emoções e sentimentos negativos e positivos, seus desejos, vontade, atenção e intuição e não apenas o mundo externo, através da razão.(SANTOS, 2009, p.419)

A escola além de utilizar a “pedagogia das emoções” deve pensar e produzir, novos caminhos através de um currículo mais flexível. Dessa forma, será possível relacionar em sala de aula as práticas pedagógicas e as emoções proporcionando ao aluno uma maior compreensão do mundo e de si mesmo.

**Sala de aula e emoções: A inteligência emocional presente no ambiente escolar.**

Após reconhecer a importância das emoções e dos sentimentos é possível questionar qual é a importância de os educadores trabalharem as emoções em sala de aula dentro dos sistemas educacionais de ensino da contemporaneidade. Com a ascensão da escola na sociedade percebe-se o surgimento de um currículo elaborado que organiza a aprendizagem em disciplinas separadas, no entanto, pergunta-se: A emoção está presente na escola? Como os professores lidam com seus sentimentos e emoções e de que forma as crianças desenvolvem seu cognitivo e emocional? A escola em si é mais do que um simples ambiente de ensino-aprendizagem, se acrescenta a esse lugar, pensamentos e sentimentos que muitas vezes por um motivo desconhecido ou até mesmo simples são capazes de levar o indivíduo a desrespeitar ou agredir as pessoas com as quais se relacionam.

Para Silva e Andrade (2015) professores e alunos são seres que possuem emoções e sentimentos, membros de uma sociedade dinâmica, na qual somos expostos a vários tipos de afetos sejam eles negativos ou positivos. Desse modo, a sala de aula torna-se um lugar de encontros de pensamentos, de emoções e sentimentos tanto de educadores quanto de alunos, desta forma é importante analisar de que maneira os educadores organizam suas emoções e sentimentos, assim como perceber como se dá a relação do cognitivo e emocional dos alunos.

De acordo com Silva e Andrade (2015), o educador como um ser emocional, não se encontra na sala de aula como um objeto neutro. Na sala de aula o professor demonstra suas emoções, se ele estiver com suas emoções equilibradas a aula provavelmente acontecerá de forma harmônica, mas se ele estiver desequilibrado emocionalmente possivelmente a aula será percebida pelos alunos como uma aula desgastante. Além de gerir suas aulas, o educador tem que estar ciente de suas emoções que são expressas em sala de aula, pois suas reações constituem referências comportamentais e emocionais para seus alunos.

Quando o indivíduo não consegue gerir sua emoção de forma estável isso gera uma explosão de sentimentos, o que ocasiona posteriormente o conflito. “Os conflitos relacionados em sala de aula, muitas vezes, deixam os docentes desamparados, sem saber como agir. Raiva, desespero e medo são emoções que costumam acompanhar as crises.” (GALVÃO, 1995 apud SILVA; ANDRADE, 2015,n.p) Desta forma, não se deve colocar toda a responsabilidade do controle das emoções sobre o docente.  A escola como um órgão que preza pela segurança e saúde de seus membros, deve estar a par de tais questões. Onde não se pode pensar que as mesmas situações da sociedade não possam se repetir na escola.

Nesse meio se encontra a criança, um ser em aprendizagem de seu cognitivo e emocional, que é capaz de assimilar aspectos positivos e negativos deste meio. Para Capelo, Varela e Días (2018) é importante que a criança vivencie interações sociais e afetivas, favorecendo assim o seu processo de manifestação emocional, tornando a sala de aula um espaço privilegiado para sua construção. Em razão disso, o educador deve estar ciente sobre sua metodologia de ensino, além de se preocupar com planos de trabalho que visem propriamente o cognitivo, ele deve investigar primeiramente a maturação biológica da criança.

Para epistemologia Walloniana, “A emoção é o primeiro elo com o mundo externo, e dela deriva a afetividade” (SILVA e ANDRADE, 2015, n.p). Portanto, percebe-se o quanto é preciso que o lado emocional dos discentes seja levado em consideração com a mesma importância do lado cognitivo que prioriza compreensão das regras ou padrões sociais para avaliar as suas atitudes. De acordo com Mora, “atualmente a neurociência defende que o elemento essencial na aprendizagem é a emoção, que sem emoção não tem curiosidade, não há atenção, não há aprendizagem”. (2013 apud VALENTE; MONTEIRO, 2017, p. 3)

Dessa forma pode-se averiguar, que o ambiente escolar se apresenta aos professores e alunos, como um verdadeiro campo de aprendizagem relacionando seus sentimentos e emoções. Nestes dois lados se encontra ser humano, entre o emocional e a inteligência, ambos diferente, no entanto inseparáveis. Emocional e cognitivo, precisam ser levados em consideração,  o relacionamento maduro desses aspectos é chamado de inteligência emocional, pois de acordo com Gallego (2004, p.83) “A verdadeira inteligência emocional é que une o emocional e cognitivo, e a sua harmonia é que seu garante seu desenvolvimento eficaz para enfrentarmos qualquer situação da vida”.

Este tema se tornou foco de estudos dos cientistas, a partir das teorias de Haward Gardner, sobre inteligência múltipla e, de Daniel Goleman com inteligência emocional. Até então a emoção ainda era vista de forma negativa, algo que dificultava o indivíduo em seu exercício de sua razão. Atualmente ainda se tem a ideia que em determinadas situações as emoções podem prejudicar negativamente a razão, em contrapartida o avanço das pesquisas, comprovou o importante papel das emoções no ser humano, em seu pensamento.

A inteligência emocional não pode ser vista simplesmente como uma autoajuda, assim desaparecendo com todos os seus problemas ou transformá-los em soluções. O objetivo a ser alcançado é o crescimento emotivo-intelectual da pessoa em seu ambiente de trabalho ou até mesmo de lazer. De acordo com Coelho (2012), “num mundo em crise, os professores exercem a sua profissão numa sociedade cheia de desequilíbrios de várias naturezas e em escolas que, no meio de sucessivas reformas, tardam em encontrar um rumo que vá ao encontro das necessidades dos diferentes alunos e pais”. (apud, VALENTE; MONTEIRO, 2016, p.2).

   Em razão disso, o crescimento emotivo-intelectual traz consigo, na questão do educador uma autonomia ao seu contexto cultural e ambiental. Portanto, sabendo o quão difícil é lidar com seu sentimento de maneira mais sensata possível, a inteligência emocional torna-se uma grande aliada. A inteligência emocional, beneficia tanto o professor como as crianças, logo o educador torna-se mais do que um transmissor de conhecimento, ele auxilia os alunos a se tornarem conscientes e responsáveis em reconhecer suas emoções e expressá-las na medida em que se desenvolvem.

**Considerações Finais**

Ao analisarmos as emoções e sentimentos no âmbito sociocultural, biológico, psicológico e educacional percebemos que as emoções são inatas nos seres humanos e o que as difere são as formas de expressá-las, logo o indivíduo aprenderá a expressar suas emoções de acordo com o contexto sociocultural em que ele está inserido.

Atualmente percebemos na sociedade contemporânea a existência de um déficit de externalizar as emoções de forma positiva e com isso os indivíduos acabam ficando doentes e isolados com seus sentimentos, no entanto as emoções negativas sempre estão em evidência, a dificuldade em se ter autoconsciência e autocontrole ainda é um grande desafio do indivíduo, para alcançar uma vida social e emocional saudável. É importante que haja uma interação entre os sujeitos, para uma boa convivência social, um bom instrumento para gerir essa interação é a inteligência social ajuda a compreender o outro e administrar essa relação, pois os sentimentos são individuais, porém acontecem em um meio coletivo. Assim o indivíduo por meio da inteligência social consegue expressar sentimentos como: empatia, altruísmo, dentre outros voltados para o coletivo.

Ressaltamos que a “inteligência emocional” é essencial para todos os envolvidos no sistema educacional escolar, pois ela auxilia o ser humano na gerência de suas emoções em conjunto com seu cognitivo, assim o indivíduo correrá menos risco de ficar refém de um ambiente menos amistoso. A inteligência emocional assim como a pedagogia das emoções dá possibilidades ao indivíduo de equilibrar sua vida na sua totalidade, combinando a razão e emoção, tendo uma autoconsciência de si e do outro e do mundo.

**REFERÊNCIAS**

CAPELO, Maria R.T.F.; VARELA, John M.C.; DÍAZ, Noemí S. Percepção Expressão e Valorização das Emoções das Crianças na Educação Pré-Escolar. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 8, N° 2, p. 137 - 162, MAI/AGO 2018.

COELHO , M. C.; REZENDE , C. B.[org.]. **Cultura e sentimentos**: ensaios em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2011;

HALBWACHS, Maurice.A expressão das emoções na sociedade. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE- Revista Brasileira de Sociologia da Emoção***,* v.8, n 22, p.201 a 218, abril de 2009.

RÊGO, Claudia Carla de A. B. e ROCHA, Nívea Maria F**.** Avaliando a educação emocional: Subsídios para um repensar da sala de aula. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**,Rio de Janeiro, v. 17, n.62, p.135-152, jan./mar. 2009.

SANTOS, Jair de Oliveira**. Educação das Emoções**: Fundamentos e Experiências. Salvador: Editado pela Faculdade Castro Alves, 2009.

SILVA, Ana Paula dos Santos; ANDRADE, Fernando C. B de.Autogestão docente de emoções negativas e gestão de conflitos relacionais na sala de aula: um olhar a luz da epistemologia Walloniana. 37° Reunião Nacional da ANPEd- 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC- Florianópolis.

VALENTE, Maria Nunes; MONTEIRO, Ana Paula.Inteligência Emocional em Contexto Escolar. **Revista Eletrónica de Educação e Psicologia** edupsi.utad.pt Volume 7, 2016, p. 1-11